

O reforço da “mística paulista” nas páginas do *Diário Nacional*

Cássia Chrispiniano Adduci*

Resumo:

Este artigo analisa a presença da “mística paulista” nas páginas do jornal *Diário Nacional* – principal veículo de divulgação das propostas do Partido Democrático de São Paulo – no período entre julho de 1927, início de sua publicação, e agosto de 1929.

Preocupada com a análise da “mística paulista” durante a década de 1920, período da República Velha em que julgo terem sido propícias as ocasiões para a (re)utilização das idéias de superioridade e de orgulho paulista, pretendo, neste artigo, expor algumas observações sobre a presença dessas idéias nos textos publicados no jornal *Diário Nacional*, principal veículo de divulgação das propostas do Partido Democrático de São Paulo (PD).

A escolha do periódico justifica-se pelo destaque político e ideológico que o Partido Democrático assumiu ao tornar-se a “primeira agremiação organizada e legal, que conseguiu, em São Paulo, sobreviver e inserir-se efetivamente nas lutas político-eleitorais e ideológicas travadas no período” (Prado, 1986: 1). Em trabalho sobre o PD, Maria Lígia Prado aponta o estudo do partido como um possível caminho para um melhor conhecimento da “dinâmica interna da formação social paulista” no período, assim como das “contradições sociais” que a constituíam. “Nisso, o Partido Democrático, como todo partido político, seria simultaneamente *expressão* da realidade social e o *produto* da iniciativa de setores da sociedade que buscam intervir nas mudanças sociais e políticas de seu tempo” (1986: 6).

A constituição de um jornal “como órgão oficial da agremiação” foi considerada fundamental desde o início, tendo, assim, sido criado o *Diário Nacional* com o objetivo de atingir todo o interior do estado. Na avaliação de Maria Lígia Prado, o *Diário Nacional*, “na prática, procurou ser um jornal mais

* Doutoranda em Ciências Sociais na PUC-SP e membro do NEILS.

adequado às classes médias, mais simples, mais acessível aos paulistas de ‘cultura mínima’”. Essas afirmações são feitas em comparação ao jornal *O Estado de São Paulo* que, ainda segundo a autora, embora apoiasse o Partido Democrático nunca teria aceito “se transformar em órgão oficial do partido” (1986: 40).

Essa caracterização do *Diário Nacional* como um veículo mais voltado às classes médias constitui um importante elemento na análise da difusão das idéias da “mística paulista” para além dos grupos dominantes no estado, já que essas idéias sistematizadas, pela primeira vez, pelos ideólogos do movimento separatista de 1887¹, ficaram, no momento em que foram elaboradas, restritas a um pequeno grupo dentro da então província de São Paulo. A presença da “mística paulista” nas páginas de um periódico que circulava para além dos limites do grupo dominante mostra a difusão de idéias que, já há algumas décadas, compunham o universo político da classe dominante paulista.

Vale destacar ainda que a retomada das idéias de superioridade e orgulho paulista durante a década de 1920 ocorreu em um contexto marcado por intenso processo de elaboração de projetos nacionais, de análises dos problemas enfrentados pelo Brasil e de busca de soluções que permitissem ao país atingir a “modernidade”. Tendo como marco as comemorações pelo centenário da Independência, os debates em torno de propostas para remodelar a nação brasileira foram além de 1922, percorrendo toda a década.

Nesse contexto, a retomada da “mística paulista” aparece como elemento fundamental na medida em que ajuda a construir um novo modelo para o país. Como aponta Marly Silva da Motta, no conjunto de temas que apareceram “no balanço do país” que acabou sendo elaborado nesse momento, mereceu destaque “o da desqualificação da capital federal como cabeça da nação que buscava a modernidade. Estava aberto o espaço para iniciativas que resultassem na afirmação de um novo *locus* produtor da identidade nacional” (1992: 7). Espaço que foi ocupado pela “elevação” de São Paulo “à condição de matriz da ‘nova’ e ‘moderna’ nacionalidade dos anos 20”. “Através de uma atuação cotidiana na imprensa, a intelectualidade paulista, independentemente de suas diferenças internas, vai produzir um discurso rico de argumentos de caráter predominantemente simbólico, que visava firmar uma interessante igualdade: São Paulo = nação; Rio de Janeiro = antinação. Ou melhor, o Rio representava a nação atrasada que se era, e São Paulo, a nação moderna que se deveria ser” (1992: 8).

Ainda segundo Motta, São Paulo teria conseguido encarnar a “modernidade do pós-guerra na sua dupla face, a da tradição e a da

¹ Sobre o movimento separatista paulista de 1887 ver Adduci (2000).

vanguarda”. Tradição associada à sua ligação com o interior e a figura do bandeirante e modernidade representada por sua imagem de “Metrópole ‘febril’, industrializada, habitada por todos os tipos de raças e de povos” (1992: 81). E São Paulo teria conseguido impor sua supremacia em um momento no qual essa predominância ainda era “duramente disputada com o Distrito Federal”, já que teria sido ao longo dos anos 20 que “se iniciara o que Cano denominou de ‘preparação do terreno’ para a consolidação da indústria paulista no mercado nacional, conquistada finalmente na década de 1930. Esta ‘preparação do terreno’, sem dúvida, ocupou o campo simbólico, acarretando a construção de um imaginário que identificasse a capital paulista com os valores básicos de uma metrópole industrial – trabalho, ordem, disciplina, operosidade e progresso – e sob o comando de uma elite herdeira dos bandeirantes pioneiros e empreendedores” (1992: 88).

A presença dessas idéias associadas a São Paulo podem ser facilmente percebidas nos discursos expressos nas páginas do *Diário Nacional*, como mostrarei a seguir. Antes, no entanto, gostaria de destacar que esse “imaginário” não era novo: essas idéias já compunham o universo ideológico da classe dominante paulista, tendo sido sistematizadas, como já apontei, no final do século XIX. De qualquer modo, a atuação da intelectualidade paulista foi decisiva na reelaboração desse discurso ao longo de toda a década de 1920, notadamente a veiculação dessas idéias através da imprensa, como procuro exemplificar através da análise do *Diário Nacional* no período que vai do início de sua publicação, em 14 de julho de 1927, e agosto de 1929, quando o PD assumiu o compromisso de apoiar os candidatos da Aliança Liberal.

As idéias associadas à “mística paulista” ganharam espaço nas páginas do periódico desde seus primeiros números. De início, cito sua presença em falas de não-paulistas em visita ao estado. O artigo “O civismo paulista”, de 20 de julho de 1927, citava opiniões dos representantes do Partido Democrático do Distrito Federal que haviam participado das caravanas pelo interior de São Paulo. Destaco a opinião expressa por Mattos Pimenta: “Serei synthetico, direi apenas que trago da excursão de propaganda democratica a impressão de que a consciencia do povo paulista está preparada, pela cultura geral e pela educação civica, para se tornar o nucleo verdadeiro, o grande centro de irradiação das magnificas idéas prégadas pelo Partido Democratico” (*Diário Nacional*, 20/07/1927).

Dias depois, outro texto – “São Paulo é um exemplo de trabalho” – reproduzia fala de Assis Brasil que teria se manifestado “encantado pelo progresso do Estado de São Paulo, que se lhe afigura um exemplo de trabalho e faz pensar” (*Diário Nacional*, 23/07/1927).

A reprodução de opiniões sobre São Paulo, com destaque para sua “vocação para o trabalho”, continuava pelas palavras de membros do *touring club* de Montevideo, enaltecendo “a nossa importância industrial, o nosso desenvolvimento em matéria de construções, a índole laboriosa e a hospitalidade gentil do nosso povo” (*Diário Nacional*, 31/07/1927); ou pelas de estudantes fluminenses, segundo os quais a cidade “deixa profundamente gravada no espírito do visitante uma impressão de trabalho, de esforço e de progresso (...) [sendo] a mais europeizada de todas as cidades do Brasil sem perder o seu cunho muito brasileiro” (*Diário Nacional*, 12/08/1927); ou ainda pelas do ex-czar búlgaro, d. Fernando, para quem “a silhueta gigantesca dos arranha-céus, a intensidade do movimento de veículos, a opulência das vitrinas das nossas maiores casas de comércio, e o traçado elegante dos jardins das residências particulares, bem atestam o elevado grau da cultura do povo paulista, o seu bom gosto e a sua preocupação característica de conjugar as exigências do trabalho com a elegância da vida civilizada” (*Diário Nacional*, 20/01/1928).

O crescimento da cidade e as transformações que vivia foram destacados em artigo publicado pouco depois, em 02 de fevereiro, sob o título “No império dos ‘arranha céus’”:

Dentre todas as capitais brasileiras São Paulo é, hoje, a que mais se assemelha às grandes cidades norte-americanas.

No entanto há vinte anos atrás ninguém teria acreditado em semelhante metamorfose. O próprio espírito da nossa gente, visceralmente conservador, apesar do seu traço aventureiro não autorizaria a previsão de uma mudança tão brusca e completa, no aspecto geral da cidade.

(...)

No espaço de menos de meio século a cidade de Álvares de Azevedo, desapareceu completamente submergida pelo vagalhão estriante do progresso.

E lá onde se erguia, outrora, um sobradinho colonial, com suas rotulas verdes e seus beirais largos, levanta-se agora o vulto colossal de um “arranha-céus” (*Diário Nacional*, 02/02/1928).

A ênfase na modernização da cidade é muito importante para que seu caráter de “liderança” dentro da federação ganhe ainda mais espaço. Nesse sentido, artigo publicado em 25 de dezembro de 1928 – “São Paulo e as suas 8 maravilhas”, de Heitor Alves, um carioca – merece destaque. O autor teceu comentários e impressões causadas pelo Martinelli (“– Bom dia, colosso paulista. Quero vel-o, sempre forte e ainda mais alto!”), pelo Anhangabaú, pelas avenidas (“... a gente respira num gosto o ar livre da avenida, grande,

larga, architectonica: S. Paulo – futuro!”), pelo monumento da independência (“Precisamos abrigar também as nossas estatuas. E ninguém melhor do que os paulistas pau-Brasil”). A seguir, sob o subtítulo “A febre do trabalho”, continua (grifos meus):

Parece mesmo febre. De saúde? *O trabalho já é doença paulistana*. Febre 40. De olhos congestionados, sem ver o perigo à frente, o paulista se atira para os bondes, amassa-se nos autos, súa nas fabricas. *Não tem tempo para se divertir*, nem mesmo ir aos cinemas durante o dia. (Os poucos que se abrem, fecham vasos).

(...)

Só à noite é que as diversões se abarrotam.

S. Paulo descança.

(...)

O espírito paulista é forte na sua expressão dinâmica e cerebral, único na originalidade primitiva e bandeirante (*Diário Nacional*, 25/12/1928).

Uma aproximação direta entre São Paulo e o Rio de Janeiro apareceu em artigo publicado em 23 de maio de 1929:

Tendo vindo a São Paulo, a grande metrópole da actividade, onde não ha gente parada pelos passeios embaraçando os que passam, nem uma chusma de cinemas a funcionar de dia, com frequência garantida, como no Rio – não me pude furtar a um assumpto que, aqui, está sempre em foco: a politica. Nisto, São Paulo differe, ainda, essencialmente, da Capital do paiz. (...)

Em S. Paulo a politica interessa muito mais vivamente a população do que no cerebro do Brasil, no centro official de convergencia de toda a vida nacional (*Diário Nacional*, 23/05/1929).

O destaque à atuação da iniciativa privada, tônica do liberalismo paulista desde o século XIX, também apareceu, associado à construção da cidade ou à sua transformação:

Sob todos os pontos de vista, S. Paulo, já é hoje uma grande cidade: pela sua grandiosidade, pelo conforto que offerece á população, pela sua riqueza.

(...)

É claro que tal desenvolvimento não se deve só aos poderes publicos (...)

O progresso paulista se deve sobretudo ás grandes iniciativas particulares, iniciativas particulares que, ao mesmo tempo, fazem elevar-se

para as alturas vertiginosas arranha-céus no centro urbano, e edificam cidades novas nos seus arredores (*Diário Nacional*, 25/05/1929).

Mas uma visão crítica acerca do progresso, com certo grau de preocupação, também foi expressa no periódico (ainda uma vez está presente o destaque à iniciativa privada e, indiretamente, uma comparação com o Rio de Janeiro):

S. Paulo é uma cidade que se faz por si. Cresce, desenvolve-se, agiganta-se e, nessa metamorphose, o dedo do estheta não intervem para corrigir erros, emendar deficiencias.

(...)

A cidade cresce desorganizada, abrigando toda essa multidão que febrilmente se dedica ao trabalho.

Assim, contando com a dedicação de seus habitantes, S. Paulo surge como cidade encantada. Vive da industria, do commercio, porque a sua topographia, não facilita aos turistas descanso e recreio.

Os governos, porém, não acompanham o progresso da cidade. Não interpretam as cousas paulistanas como realmente ellas são. As obras officiaes, os projectos fantasticos iniciam-se e delineam-se para attender a uma necessidade do momento e não são elaborados para um futuro mais agitado.

Á inicitativa individual deve-se o muito que tem apparecido nesta terra. O descuido official é visivel, indiscutivel. Portanto, não se deve admirar que a cidade se desenvolva livremente, sem submetter-se a um plano já estabelecido anteriormente (*Diário Nacional*, 28/06/1929).

Nos textos de fundo moralizador e puritano publicados pelo *Diário*, artigos voltados especificamente às classes médias, como observa Maria Lígia Prado (1986: 40), também foi possível identificar a presença das idéias que eram repetidamente associadas a São Paulo e à sua população. Menciono, como exemplo, trecho de artigo contra o jogo (grifos meus):

O combate á jogatina que ha tanto tempo vinha transformando a nossa capital, *centro de trabalho e actividade fecunda* numa especie de Monte Carlo plebeu, levando a miseria, a dôr, as lagrimas e a ruina a milhares de lares, corrompendo e aviltando caracteres, enlameando nomes até então honrados; prostituindo, emfim, a indole de um *povo laborioso e honesto*, era acção moralizadora de alevantada finalidade humana e social e como tal, não podia deixar de ser incluída em nosso programma jornalístico (*Diário Nacional*, 29/09/1927).

Em alguns momentos, o jornal pôs em xeque o discurso de engrandecimento de São Paulo. Isso ocorreu, notadamente, ao criticar o PRP, apontando o uso que este fazia da idéia de progresso de São Paulo:

Clamam os jovens amiguinhos que o PRP arranjou, clamam sem cessar que todo o progresso de S. Paulo se deve a esse milagroso e santíssimo partido.

Mas essa expressão “progresso de S. Paulo” é um tanto vaga. Querem-se referir, de certo, ao progresso do Oeste, do Noroeste, das zonas cafeeiras e ricas.

Onde está, porém, o progresso das zonas pobres, como o nosso fértil e desgraçado litoral?

O PRP tem sido um grande medico. Optimo, para curar pessoas de boa saude. Os doentes... que estourem! (*Diário Nacional*, 11/08/1927).

A briga política entre Assis Chateaubriand e Artur Bernardes, nascida em torno da Itabira Iron Ore Company, apareceu nas páginas do jornal e merece destaque porque Chateaubriand vai apontar, em seu discurso, o que identificou como atuação de Bernardes contra São Paulo.

Em 11 de janeiro, o *Diário* reproduziu um artigo publicado por Chateaubriand em seu jornal do Rio de Janeiro, *O Jornal*. O texto “As classes productoras e a politica” criticava uma afirmação feita por Jorge Street por ocasião da campanha para sua eleição para presidente da Associação Comercial. O industrial teria declarado, em manifesto lançando sua candidatura, que “as classes productoras nunca deveriam viver divorciadas dos poderes publicos”, ao que Chateaubriand argumentou:

Houve um momento em que a presidencia Bernardes pretendeu desmobilizar a economia paulista. O sr. Arthur Bernardes dizia, textualmente, como deve saber o dr. Street:

– “O progresso de S. Paulo é tamanho que está atrophiando o dos outros Estados da Federação. Vamos detel-o”.

E deu ordem, em fins de 1924, ao Banco do Brasil para que não se fizesse uma só operação de café, em Santos, S. Paulo e no interior. Fechou a carteira de redescontos, e automaticamente encareceu o dinheiro em proporções nunca vistas em S. Paulo. Era uma attitude systematicamente tomada, não direi para destruição, mas certamente para enfraquecimento da robusta vitalidade paulista.

(...) Como poderia o dr. Jorge Street ser “governamental”, deante de uma administração que considerava a produção paulista como inimiga da produção brasileira? (*Diário Nacional*, 11/01/1928).

Dias depois, outro artigo – “O sr. Bernardes e S. Paulo” – retomou algumas das idéias de Chateaubriand, voltando a reproduzir afirmações que reforçavam a “mística paulista” e recolocavam as tensões regionais:

O sr. Assis Chateaubriand asseverou em um livro, e reafirmou depois em artigos, uma cousa gravíssima, a saber – que o sr. Bernardes tinha o manifesto desejo de fazer mal a S. Paulo, de lhe cortar as azas, de lhe arruinar as finanças, de lhe arrochar a lavoura, de lhe afogar a classe agricola. O jornalista menciona factos, positiva as suas accusações.

A gente fica a pensar, sem saber que concluir de todo esse libello tremendo.

De um lado, por mais perverso que fosse o sr. Bernardes, por mais entranhado que fosse o seu odio, por mais mesquinho que fosse o seu character, custa-nos a crêr que levasse a sua perversidade, a sua pequenez de animo, ao ponto de perseguir o nosso Estado, só porque este é prospero e segue, serenamente, pacientemente, como aquelle Santo Anselmo da lenda, um destino tão promissor que nem os seus desvarios, conseguiram jamais deter: mal conseguem reter, até certo ponto.

Bem sabemos que esta prosperidade desperta ciumes, desgraçadamente, e que muitos amigos nossos sómente o são nas apparencias, de maneira que, ao abraçal-os, devemos fazel-o sempre receando as unhas do tamanduá, e repetindo a surrada chapa do poeta latino: “Timeo Danaos et dona ferentes”...

Mas que o sr. Bernardes, presidente da Republica, pudesse querer a ruina de S. Paulo, quando é certo que essa ruina seria a ruina do Brasil: que é impossivel fazer mal a S. Paulo sem fazer, ipo facto, mal ao paiz inteiro, tal loucura seria como a do commandante de um navio garboso que lhe verrumasse o casco para vel-o sossobrar. Isto só se admitte na perversidade de Nero, quer dizer – numa vasania que tornasse o homem irresponsavel. Estará o sr. Bernardes nesse caso? Custa a crêr (*Diário Nacional*, 26/01/1928).

A idéia de São Paulo como sujeito de vanguarda na história do país apareceu por diversas vezes, de forma semelhante a discursos produzidos mesmo antes de 1887². Em 25 de fevereiro de 1928, por exemplo, foi

² Como exemplo anterior, cito trecho de obra escrita em 1874, por Martim Francisco R. de Andrada, um dos principais ideólogos do movimento separatista de 1887: “É inegavel que os paulistas d’outr’ora, esses herões que sabihão gosar da liberdade politica sem abuso, e defender até por meio da força a liberdade de consciencia, forão, embora indirectamente, os primeiros Precursores da Independencia do Brasil. A expulsão dos jesuitas foi o primeiro

reproduzida matéria de *O Jornal* que trazia opinião de Maurício de Lacerda sobre as eleições em São Paulo (grifos meus):

– *Foi de São Paulo que veio a independência, foi de S. Paulo que veio a abolição e de S. Paulo foi, ainda, que veio a República. Todos os grandes impulsos para o progresso do Brasil, nas varias etapas da sua evolução política, partiram de S. Paulo. E é de S. Paulo que vae sair ainda a redempção da patria.*

(...)

Em S. Paulo está a suprema chefia da politica profissional que se installou no paiz. Mas lá tambem o povo tomou a vanguarda do liberalismo, iniciando maior e mais bello movimento democratico que ha de levar de vencida todas as bastilhas politicas, sem barulho, sem canhão, sem sangue, pela simples reacção das consciencias livres. Póde o situacionismo, pela oppressão e pela fraude, reduzir a victoria eleitoral do Partido Democratico, não conseguirá, entretanto, suffocal-a agora nem poderá evitar a perda das situações municipaes mais tarde (*Diário Nacional*, 25/02/1928).

Após as fraudes nas eleições de 1928, o *Diário Nacional* noticiou e criticou inúmeras vezes essas ocorrências, apelando também para as idéias associadas à “mística paulista”. Por exemplo, sobre acontecimentos ocorridos em Piracicaba e Tietê, publicou-se:

Estes recentes phenomenos de arbitrariedade passaram-se em duas cidades cultas, adiantadissimas, onde trabalham e prosperam populações, em cujas veias corre o que ha de melhor no sangue paulista.

(...)

Como quer que seja, o P. Democratico não se intimidará deante da acção provocadora da força policial, a serviço dos mandões do momento. Elle, aconteça o que acontecer, saberá levar avante o seu programma, de accôrdo com a dignidade da civilização paulista (*Diário Nacional*, 02/06/1928).

Em editorial de 04 de outubro, em resposta a críticas dirigidas a Marrey Júnior, acusado de não possuir “sentimentos paulistas”, expunham-se as idéias acerca do “ser paulista” (grifos meus):

Afinal de contas, para uma pessoa ser verdadeiramente paulista não basta ter nascido aqui, ou ter tido antepassados que engrandeceram esta nobre terra. Ser paulista é sobretudo amar S. Paulo e trabalhar para S. Paulo, como ser brasileiro é amar o Brasil e trabalhar para o Brasil.

movimento democratico de nossa patria. Ha lugares predestinados... A provincia de S. Paulo é assim!" (Andrada, 1874: 17-8).

Acaso, a oligarchia que domina o nosso Estado póde gabar-se de estar possuída do sentimento de “paulistanidade”? É difícil optar pela afirmativa.

Ser paulista é ser homem e ser homem é criar, progredir, respeitar a lei, andar de cabeça alta e de mãos limpas (Diário Nacional, 04/10/1928).

Meses depois, outro artigo adensava a construção da imagem do “paulista” expressa pelo jornal (grifos meus):

Effectivamente, *S. Paulo é uma cidade onde grandemente é apreciado o espírito pratico, onde só triumpham os realizadores. A idéa predominante é a de concluir.* Ao lado dessa, mais forte, talvez, existe outra que caracteriza o emigrante – enriquecer.

(...)

(...) Comtudo, *o paulista não é um ambicioso.* Luta para enriquecer, para não ser esmagado pelos elementos estranhos que chegam a fazer fortunas de cifras impressionantes.

Estudado na intimidade o paulista é prodigo e vive para a familia. Tem um ideal superior a norteal-o na vida, que não se encontra entre as raças que com elle vivem e que, por cubiça, concorrem para o engrandecimento e colonização do Estado, fundando empresas que dão lucros fabulosos... (Diário Nacional, 05/01/1929).

Alguns textos fizeram ainda referências aos mesmos problemas apontados pelos separatistas de 1887, principalmente o sentimento de exploração ligada à tributação³, embora tenham utilizado um menor grau de intensidade. Estava presente a idéia de exploração, por exemplo, em artigo publicado em 20 de setembro de 1927. Ao comentar decisão do secretário da Agricultura do estado de efetivar uma aproximação com o governo federal para estudos do solo de São Paulo para pesquisa do petróleo, o artigo transmite apreensões sobre uma possível ou provável exploração (grifos meus):

(...) não será nada extranhavel que, consolidado o accordo com o governo federal, se despachem, para estas bôas e acolhedoras terras paulistas, grandes commissões de engenheiros catados em todas as regiões do Brasil (...) para fazerem experiencias “in vivo” no sangue generoso de S. Paulo. *Bastam já as sangrias que temos soffrido.* Precisamos nos precaver contra essas pessoas amaveis, habituadas a levar a vida dentro de um grande estadão e que, com todas as apparencias de gente farta e enfasiada, são, entretanto, de uma voracidade de esqualos (Diário Nacional, 20/09/1927).

³ Exemplifico com dois trechos de artigos publicados por Martim Francisco no *Diário Popular*: “Decididamente somos um povo feliz. Progredimos na paciencia tanto quanto o imperio progride nas arrecadações” (*Diário Popular*, 05/03/1887) e “Custa-nos o imperio, este anno, mais de vinte mil contos. Recusa-nos quinhentos mil réis. A *provincia-carneiro* continúa a apanhar sem reagir” (*Diário Popular*, 11/03/1887).

Ainda expressando idéia de exploração, um editorial foi publicado em 16 de dezembro de 1928, intitulado “Fúria de arrecadar” (grifos meus):

Ao finalizar, outro dia, o seu discurso, apresentando o projecto orçamentario, para o proximo anno, o sr. Armando Prado, numa arrancada passadista, exclamou: “Bravos, duas vezes bravo ao povo paulista”.

S. exa. estava, naquelle momento, entusiasmado com as centenas de milhares de contos a serem arrecadados e, sobretudo, com o saldo miraculoso de dois mil e quinhentos contos de reis.

Os “bravos” tinham, pois, a sua razão de ser. *Eram dirigidos a esse povo que, trabalhando e produzindo tanto, se deixa tosquiado, ao mesmo tempo, numa passividade estranha, pelos homens que occupam o poder (Diário Nacional, 16/12/1928).*

Menciono ainda outro texto a propósito da tributação (grifos meus):

O grau de vitalidade de um povo, dizem os sociólogos governistas, conhece-se pela tributação que elle paga.

Admittamos, para não sermos desagradáveis, que isso seja verdade e vejamos o que nos conta o ultimo relatório que o sr. secretario da Fazenda apresentou ao governo do Estado.

A população do Estado de S. Paulo pagou, durante o exercicio financeiro de 1927, a bagatella de UM MILHÃO CENTO E QUARENTA E DOIS MIL CENTO E NOVE CONTOS E TRES MIL RÉIS, da seguinte maneira: rendas do governo federal, 613.400:714\$000; rendas do governo estadual, 404.044:404\$000 e rendas dos governos municipaes, 124.662:885\$000.

Estamos, pois, de pleno accôrdo com a affirmativa inicial, porque quem paga essa formidavel somma de impostos em um unico anno tem que ter exuberante vitalidade, por força.

Vejamos, porém, outra faceta do caso.

A população do Estado de S. Paulo, segundo os calculos mais autorizados, deve andar, no momento, pela casa dos 6.000.000 de habitantes.

Dividida aquella formidavel somma de impostos pelo numero de habitantes do Estado, temos que a tributação *per capita* de todos os impostos nacionaes a que estamos sujeitos, é, aqui, de 188\$750.

Cada paulista paga, assim, mais do que pagam todos os outros brasileiros filhos dos demais Estados da confederação (Diário Nacional, 29/01/1929).

Às vésperas da adesão do Partido Democrático à Aliança Liberal, alguns artigos rebateram associações entre a posição política adotada pelo PD e

questões regionalistas. O primeiro texto a tratar do assunto intitulava-se “O pretexto bairrista”. Vale ressaltar a insistência na idéia de uma pátria grande e unida e a utilização da figura do bandeirante, elemento essencial na constituição da “mística paulista” (grifos meus):

Os partidarios da candidatura Julio Prestes, imposta pelo presidente da Republica, a sustentam em virtude de um espirito estreito de bairrismo, por uma politica mesquinha de campanario.

Nós paulistas e democraticos, mas essencial e fundamentalmente patriotas, devemos combater esse espirito estreito de campanario e sustentar o mais fervoroso culto á Patria Grande e Unida.

O brioso Estado do Rio Grande do Sul, atalaia vigilante da Patria, berço fecundo de tantos brasileiros notaveis, nunca deu um presidente da Republica e é de toda justiça que o faça como parte integrante do Brasil, com iguaes direitos a S. Paulo e a todos os demais Estados.

É uma exploração impatriotica e destruidora da unidade nacional, essa que se faz em favor da candidatura Julio Prestes sob pretexto de que S. Paulo por bairrismo deve dar todos os presidentes. Esse criterio aldeão ou provinciano, se fôr adoptado por todos os Estados, produz a desintegração da Patria.

(...)

Mas, fundamentalmente, o pretexto bairrista é uma calumnia ao character, á intelligencia e á historia dos paulistas.

Nós paulistas orgulhamo-nos do nosso passado, constituimos a grande raça dominadora do Brasil, temos esse soberbo papel na historia nacional, exactamente porque nunca fomos bairristas, nem jamais possuímos o espirito de campanario, aldeão ou provinciano, de Jeca Tatu, mas, ao contrario, sempre tivemos a concepção da Patria grande e unida, e no passado historico, com as bandeiras, não fizemos senão dilatar o mais possivel as fronteiras nacionaes, alargando-as até os Andes, para além do Amazonas e ás extremas do Prata.

E mais tarde como patriotas que eramos, essencialmente, fizemos a Independencia, a propaganda e a Republica. *Se fôssemos bairristas, não teriamos feito nem as Bandeiras, nem a Independencia, nem a propaganda, nem o Abolicionismo, nem a Republica. Se tivéssemos sido bairristas no passado não teriamos sido bandeirantes, mas teriamos ficado como miseros Jecas provincianos a vegetar na obscuridade de qualquer aldeia.*

(...)

Não esqueçamos que a campanha nacionalista foi aqui em S. Paulo que se definiu e pelejou com os mais amplos ideaes de educação, amplamente diffundida, e liberdade eleitoral.

Sejamos todos bons brasileiros e patriotas. Como descendentes de bandeirantes, como autores e principaes responsaveis da unidade nacional, devemos despir-nos completamente de qualquer ressaibo de espirito bairrista (*Diário Nacional*, 07/08/1929).

Outros exemplos acerca das tensões regionais podem ser citados. Editorial de 11 de agosto defendia “elevar o tom e o caracter da pugna, infundindo-lhe um sentido decididamente brasileiro, isento de pequenos e mesquinhos preconceitos de regiões e personalismos” (*Diário Nacional*, 11/08/1929). Pouco depois, outro editorial retomava o problema para argumentar que os cidadãos que apoiassem os candidatos da Aliança Liberal “nem por isso deixam de amar com toda a força da alma a região em que nasceram e cresceram. Elles sabem, porém, que ella faz parte integrante de uma nação cuja rota gloriosa deve ser confiada a um homem que para isso tenha grandes qualidades”. Para concluir: “O que é maior, o sentimento de nacionalidade ou o de regionalismo?” (*Diário Nacional*, 14/08/1929).

Mais uma vez, a exemplo dos discursos elaborados em 1887, a figura do bandeirante, intrinsicamente associada à construção e reelaboração da “mística paulista”, apareceu nas páginas do periódico como mostrou texto citado logo acima⁴. Mas outros exemplos podem ser apontados. Em “Bandeirantismo”, Luiz Vianna associa os democráticos aos bandeirantes (grifos meus):

Aquelle primeiro movimento, *original*, que se feriu na vida colonial desta grande patria, havia de repetir-se, nas mesmas plagas e assignalando uma formidavel impulsão evolutiva em suas successivas manifestações.

O “*bandeirantismo*” *evoluiu na realização* de um systema de vias de communicação, *na criação* das industrias fabris, *na adaptação* da agricultura scientifica, *na instituição* da politica immigratoria, *na cultura technica e social*, e *em tudo aquillo, enfim, que representa a grandeza do Estado de S. Paulo*. E aquella mesma força accionadora de bellos e magnificos feitos, vem de manifestar-se coherente com suas modalidades passadas.

(...)

⁴ Francisco Eugênio Pacheco e Silva – outro dos ideólogos separatistas de 1887 – argumentou a propósito do crescimento da idéia separatista na provincia: “...difficilmente um paulista ou habitante destas privilegiadas regiões se esquivará á emoção que deve despertar-lhe a idéa de poder intervir com iniciativa mais proxima, directa e livre de modo a dar outros e melhores destinos a essas formosas zonas conquistadas ao deserto e á barbaria pelos intrepidos bandeirantes” (*Diário Popular*, 08/03/1887).

(...) É que, *na attitude assumida pelo Partido Democratico, se revela mais uma vez, em sua estuante vitalidade realizadora, esse espirito renovador do bandeirante vibrando em pról de todo o Brasil; dando a nota de um exemplo edificante e capaz de promover o despertar de nossas energias civicas entibiadas ante a consummação, sem protesto, de um sem numero de escandalos (Diário Nacional, 10/08/1927).*

Meses depois, o tema do bandeirante voltou a aparecer. Em 07 de janeiro, foi publicado o artigo “Bandeirantes do café” no qual o autor destacava o protesto de alguns “velhos fazendeiros” de São Paulo a propósito de texto publicado na revista da Sociedade Rural Brasileira por ocasião da comemoração do bicentenário da introdução do cafeeiro no Brasil. O autor do texto da revista não teria tido “o devido cuidado na composição da pagina dos ‘bandeirantes de café’” (grifos meus):

Ninguem pode allegar ignorancia da significação da palavra “bandeirante”.

Da mesma fórma, não se pode desculpar um equivoco na extensão desse vocabulo a plantadores de café. *Merecem tal nome, exclusivamente, os fazendeiros que desbravaram sertões, que incorporaram ao patrimonio economico nacional tractos de terra até então incultos, vencendo sacrificios que só o genio empreendedor de quem tem nas veias o sangue dos bandeirantes justifica.*

Não é a qualquer jogador de azares, tornado feliz por imprevistas circunstancias, e que, mais por capricho da sorte que por varonilidade de animo se tornou fazendeiro, não é a esse que se deva dar o nome de bandeirante (*Diário Nacional, 07/01/1928*).

Todavia, meses depois, o “bandeirante moderno” poderia ser outro:

Sem esquecer o esforço estrangeiro, pensemos um pouco nesses bandeirantes modernos que nos chegam em silenciosas e melancolicas levas, dos ingratos sertões do nordeste, homens que não são legendarios porque são vivos, que sómente armados de uma fé inquebrantavel, um facão e uma viola, alheios a todo o progresso humano, como em pleno seculo XVII se afundam no sertão paulista para abrir o caminho á civilização.

Desses sublimes sertanejos poucos falam.

Bravos como a natureza brava que elles affrontam e dominam, impavidos como feras indomaveis, corajosos e leaes, nada pedem e lá vão elles, de derrubada em derrubada, pelo fabuloso sertão, semeando na sua passagem o progresso, cujos frutos, depois, gentes de todas as raças, que um commodo trem se encarregará de transportar, colherá fartamente.

Mas a civilização quer a civilização.

Que importa, analysar como a ella se chega?

Mas pelo menos que se saiba, que se grite com toda a força de nossa brasilidade, que essa marcha para diante, essa fôrma purissima de progresso, pertence tambem um pouquinho a nós, a nós brasileiros! (*Diário Nacional*, 05/04/1929).

Em texto publicado em 01 de abril de 1928 – “João Ramalho, o precursor do bandeirante” –, Berilo Neves expõe exemplarmente todos os elementos utilizados pelos ideólogos que ajudaram a construir a “mística paulista”, associando-a ao mito do bandeirante (grifos meus):

As terras, como as criaturas humanas, nascem de si apontadas aos seus destinos heroicos ou vulgares. Ellas possuem, tambem, os seus horoscopos e as fadas, bôas ou más, que lhes presidem á iniciação na vida.

S. Paulo, *cellula geographica da nacionalidade*, haveria de ter, nos seus primordios, o germe revelador de seus bellos destinos. O apostolo das gentes, que lhe daria o nome, era, já o prenuncio christão da sua grandeza e a segurança thaumaturgica da *irradiação dominadora do seu povo*. Esse João Ramalho, que os primeiros colonizadores encontraram e cuja origem e data de chegada nunca se soube ao certo, era um digno precursor da raça cavalheiresca dos bandeirantes. (...)

(...)

A fusão do sangue luso, plasmador de navegadores e de guerreiros, com a raça altiva dos índios, teria que florir no typo audaz do bandeirante, mixto de sonhador e de soldado, evangelizador de selvas e conquistador de montanhas. Enquanto as outras florescencias da nova raça americana mal cobriam com a sua sombra a região de seu nascimento, *o paulista antepoz-se ao tempo*, projectando-se através de matas mysteriosas em busca de um desconhecido, sempre e cada vez mais dilatado. (...)

Navegadores das selvas, reproduziam no seio da terra americana a façanha homerica de Colombo – affrontando o desconhecido sem esperança de socorro proximo, entregues a si mesmos, como loucos ou como semi-deuses. E enquanto *dilatavam as fronteiras da patria nascente*, corrigindo, no mappa vivo da terra, as restricções vergonhosas do tratado de Tordesilhas, iam, tambem, semeando os campos e espalhando os germes magnificos das cidades. Não era uma correria desatinada através de valles e de rios: era a obra consciente do evangelista, que ama as frutificações reproductoras, a obra silenciosa da perpetuação physiologica das especies. Os paulistas deram á corôa portugueza a sua mais bella joia. *Não fosse a loucura fecunda das bandeiras e o Brasil ter-se-ia adstricto á faixa estreita do litoral, onde ficaram os timidos e os desambiciosos. O verdadeiro Brasil, que João Rêbeiro sitúa no centro-oéste da nossa carta*

geral, é obra dos bandeirantes paulistas – inquietas abelhas de ouro, que elaboraram o núcleo étnico da nacionalidade e vitalizaram a mais fecunda terra americana.

(...)

Depois da conquista da terra na extensão geográfica, veio a conquista do solo, no esplendor das actividades agrícolas. (...) *O trabalho dos novos bandeirantes deu ao Brasil a maior industria agrícola do mundo, fulcro gigantesco da economia nacional.* A esmeralda de Paes Leme transmudou-se no grão negro da rubiacea maravilhosa. (...) O sceptro do café, hão de empunhal-o sempre os descendentes daquelles que, corrigindo as fraquezas da antiga metropole, dilataram as extremas do Brasil levando-as quasi do Atlantico ao Pacifico, numa arrancada de gigantes e de loucos (*Diário Nacional*, 01/04/1928).

Encerro este artigo, acreditando ter conseguido ilustrar o processo de construção ideológica de um “novo modelo” a ser seguido por todos os responsáveis pela recondução do Brasil ao seu caminho em direção à “modernidade” e ao “progresso”. Em grande medida, as idéias expostas por esses ideólogos já haviam sido expressas durante o movimento separatista de 1887, reaparecendo na década de 1920, especificamente nas páginas do *Diário Nacional*, em auxílio de grupos dentro do estado que lutavam por ampliar seu poder político.

Da mesma forma que no final do século XIX, o que se deu nos anos 20 foi um processo de construção ideológica que, no bojo de intensas lutas políticas e ocultando interesses de determinados grupos, valeu-se da utilização das idéias de progresso, de modernidade, de dedicação ao trabalho, de arrojo, de vanguarda etc. para dar suporte às pretensões de controle político do grupo em nome do qual esses ideólogos se expressavam. Nesse sentido, é fundamental destacar que a homogeneidade em torno de “São Paulo” não existia. O que observa-se é a expressão exemplar de uma elaboração ideológica que buscou disseminar a noção de que as qualidades apresentadas pertenciam a todos os membros de uma coletividade, o progresso e as características a ele associadas diziam respeito a um corpo unificado de indivíduos.

JORNAIS

Diário Nacional (jul/1927 a ago/1929)

Diário Popular (1887)

BIBLIOGRAFIA

- ADDUCI, Cássia C. (2000). *A “pátria paulista”: o separatismo como resposta à crise final do Império brasileiro*. São Paulo, Arquivo do Estado.
- ANDRADA, Martim Francisco Ribeiro de. (1874). *Os precursores da Independência*. São Paulo, Typ. Allemã.
- MOTTA, Marly Silva da. (1992). *A nação faz 100 anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas – CPDOC.
- PRADO, Maria Lígia C. (1986). *A democracia ilustrada*. São Paulo, Ática.